

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

NICO ANDRADE

**ARTE=VIDA:  
Crônicas de Luta Anticapitalista no Cotidiano**

PORTO ALEGRE/RS

Abril de 2023

NICO ANDRADE

**ARTE=VIDA:  
Crônicas de Luta Anticapitalista no Cotidiano**

Trabalho de conclusão do curso apresentado como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais do Curso de Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora:  
Prof<sup>a</sup> Jéssica Araújo Becker

Banca Examinadora:  
Prof<sup>a</sup>.Dra. Alessandra Bochio  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Camila Schenkel

PORTO ALEGRE/RS

Abril de 2023

*"¿Qué es la "conexión", sino el rechazo del alejamiento, la elección operada por el artista de una presencia motivada y actuante en el mundo? En vez de aislarse, el artista prefiere ir al ahora, a la fábrica, a los mercados, a las redacciones, a los hospitales, a todas partes donde pueda encontrar material para crear en relación con el otro. En vez de trabajar aislado, en ese espacio confinado que es el estudio, el artista crea en vivo, en el corazón de las cosas."*

*(Paul Ardenne)*

## **RESUMO**

Com perspectiva e metodologia “arte = vida” em sua confecção, o presente trabalho tem como tema os impactos do capitalismo tardio na vida cotidiana, buscando apresentar uma práxis artística pessoal adotada como crítica ao sistema capitalista. São objetos de estudo proposições autorais que abordam a crise no sistema de saúde, direito à moradia e planejamento urbano, utilizando referenciais práticos da arte contextual e situacionista, e teóricos oriundos de textos como os de Paul Ardenne (2006), Ruy Braga (2012, 2017) e Tim Ingold (2007). Estas proposições, intituladas *Esqueço-te*, *Recuso/Decifro* e *O tempo: Devolva-me*, exploram conceitos como o abandono, a memória e o tempo.

**PALAVRAS-CHAVE:** cotidiano, arte de ação e anticapitalismo.

## SUMÁRIO

<b>1. OLHAR PRA DENTRO</b>	<b>3</b>
<b>2. PENSAR NO AGORA</b>	<b>5</b>
2.2. Esqueço-te	6
2.2.1. Hospital Livramento	7
2.2.2. Hospital Solon Tavares	8
2.3. Recuso/Decifro	8
2.4 O Tempo - Devolva-me	10
<b>3. OLHAR PROS LADOS</b>	<b>13</b>
<b>4. SEGUIR EM FRENTE</b>	<b>17</b>
<b>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>19</b>

## 1. OLHAR PRA DENTRO

Na infância, lembro de ouvir sem muito discernimento as notícias que meus pais assistiam: nosso país no bloco dos BRICS, o ciência sem fronteiras, o pré-sal. À medida que passei a compreender melhor o mundo que nos circunda, fui compreendendo também como este se transforma, e mudanças foram se tornando mais claras para mim. A onda de neofascistas ascendendo ao poder nos últimos anos da década de 2010; o desmonte que nosso país sofre; as manifestações desse desmonte, como o retorno do Brasil ao mapa da fome, por exemplo. Reconhecer-se dentro do contexto é entender do que se foi privado, e a partir daí confrontar a realidade com o sonho de emancipação e dignidade. De dispor de força não para produzir riqueza financeira para terceiros, mas sim, produzir bem estar para si e para a comunidade.

Sou uma pessoa não-binária, artista, proletária e filha de proletários. A maior parte deste texto foi escrita enquanto eu vivia na região metropolitana de Porto Alegre, na cidade de Guaíba - cidade dormitório que serve como quintal para uma fábrica de papel que cortou nosso território ao meio nos últimos vinte anos. Iniciei minha carreira nas artes visuais em 2017, com o ingresso no curso que este trabalho visa concluir. Ao longo de minha trajetória até agora, tive o orgulho de trabalhar com grupos de camaradas extremamente competentes e brilhantes em suas práticas, dos quais destaco o coletivo Semilleros, grupo que sigo integrando. Também vivi a desilusão de minha geração de se deparar com o contexto global do capitalismo tardio, brilhantemente documentado por teóricos como Ruy Braga (2012, 2017) e Jon Arild Johannesen (2018). No Brasil, somos sempre o país do futuro, nunca o país do presente. A revolução é o sonho de muitos de nós jovens artistas, e em meio a um mundo de apatia, anomia e desespero, foi na arte=vida que reencontrei a força para perseguir este sonho.

Passei, recentemente, por uma mudança de paradigma. Mudei-me para Porto Alegre e ingressei em uma nova etapa da minha vida. Com um novo emprego, nova casa, nova cidade, era impossível que as coisas permanecessem iguais. As proposições foram se tornando cada vez menos palpáveis, pois essa foi a forma que aos poucos a arte=vida tomou para mim. Me afastei do espaço acadêmico e dos demais formalismos, e com o tempo se tornou cada vez mais difícil sentar-me para servir às antigas e consolidadas linguagens artísticas. Em uma vida corrida como é a de nossa classe trabalhadora, a verdadeira arte muitas vezes está mais em um

jantar com amigos, um passeio ao ar livre depois do expediente ou uma ligação para checar como está a família, do que em um museu ou galeria. Esta é uma das diversas facetas da metodologia e filosofia adotadas para esta produção, e serve como o princípio e o fim, a justificativa e o objetivo para o que lhes apresento aqui.

Com perspectiva arte=vida em sua confecção, o presente trabalho tem como tema os impactos do capitalismo tardio na vida cotidiana. Percorrendo esta linha, utilizei em certas proposições um enfoque geográfico na cidade de Guaíba, que foi meu local de vivência na infância e ponto principal de produção ao longo de minha trajetória. Como objeto de estudos tomo proposições poéticas-políticas autorais que abordam a crise no sistema de saúde e planejamento urbano, a memória e o mundo do trabalho. Estas proposições são intituladas *Devoro-te, Recuso/Decifro* e *O Tempo - Devolva-me*. Assumo que a busca pelo entendimento da luta de classes é parte fundamental da prática artística contemporânea que permeia estas produções, e a partir daí, posiciono-me firmemente contra o capitalismo em busca de melhores alternativas para a classe trabalhadora, voltando o olhar para a experiência, o fazer artístico e o posicionamento político.

Dado o contexto distópico vivenciado na pandemia da COVID-19<sup>1</sup>, este trabalho teve como objetivo geral a busca pelo uso da arte de ação como prática anticapitalista e ferramenta de auto apresentação, pesquisa e experiência da vida enquanto arte=vida. Minhas intenções podem ser resumidas pelas palavras de Hal Foster: “trata-se de transformar a arte em relação não só ao espaço tempo mundano, mas também em prática social” (FOSTER, 2017, p. 24).

Contexto dado, os objetivos específicos foram:

1. Catalisar discussões referentes à discrepância de valores dados pelo capitalismo ao direito ao lucro/propriedade em detrimento do direito à vida e sua fruição.
2. Alertar para as relações de causa e consequência referentes ao sistema capitalista em sua forma tardia, utilizando o micro para falar do macro.
3. Aproximar a realidade da produção artística, dando as costas para a representação e voltando tanto o olhar quanto a ação para a realidade material.

---

<sup>1</sup> Em Janeiro de 2020, pouco tempo após o primeiro caso de COVID-19 que as autoridades têm conhecimento até agora, a situação global se configurou para uma pandemia que ainda está em andamento no momento de escrita deste artigo. O método mais efetivo de combate ao vírus, recomendado pela OMS, foi o distanciamento social, aliado à vacinação e medidas de higiene preventiva. Este distanciamento social que é de eficácia comprovada cientificamente foi infelizmente mal manejado pelo poder público do Brasil, e esta demonstração de incompetência causou mazelas que são vistas no cotidiano da população e levarão anos para serem reparadas. Até o presente dia, 600.000 brasileiros morreram vítimas da COVID-19. Esta nota de rodapé é uma atualização da nota que fiz no artigo *Por onde Ando - O artista como classe trabalhadora*, de 2020, e infelizmente a situação desde então ainda não melhorou.

## 2. PENSAR NO AGORA

Baseio-me especialmente em práticas emergentes da contemporaneidade, especialmente as referentes ao movimento arte=vida e o situacionismo. Considero sobretudo que na minha prática tenha destaque a ação de auto-apresentação<sup>2</sup>, de caráter contextual: coloco-me frequentemente dentro da situação, e assumo que tenho necessidade de ver em primeira pessoa, de ir e de vir. Isto porque luto contra uma certa tendência imposta pelo contexto colonialista de tornar as relações menos pessoais. Minha lógica é de oposição à hegemonia colonial: a história do mundo é a minha história e vice-versa, pois nossas linhas correm entrelaçadas com fluxos simultâneos e constantes. Nesse sentido, caminho ao longo desta cidade não como um terceiro que a estuda por passatempo ou categorização, mas sim como morador pertencente a este território, com os olhos de artista exercendo seu ofício.

Utilizo como principais metodologias a prática da arte de ação, auto-apresentação, montagem de objeto, fotografia e vídeo, bem como a pesquisa *in loco* e observação participativa, além do levantamento bibliográfico e referencial artístico. Mais além, para explicar a arte=vida, que é o conceito que codifica tudo o que é aqui relatado, não é justo ou tematicamente apropriado apresentar uma descrição teórica, mas sim, com a prática. Sigo, portanto, com uma crônica cotidiana:

### 2.1 A Reforma do Quarto

A reforma do meu quarto me colocou num estado de fluxo em que eu não me encontrava há muito tempo. Enfrentava um problema sério de umidade e infiltração havia um tempo, e com a incomodação, surge o movimento. Resolvi aprender a solucionar o problema,

---

<sup>2</sup> Aqui utilizo o conceito de Hélio Ferverza, conforme o texto *Formas da Apresentação: da exposição à auto-apresentação como arte* (2007): “Essas produções e atividades extravasam constantemente as práticas artísticas tradicionais ou o espaço de uma concepção circunscrita da arte. Elas se diferenciam de outras no sentido em que não visam necessariamente a uma apresentação no sentido de exposição (observador externo) e, por outro lado, enfatizavam os processos de realização, relação e envolvimento como criação e vivência artística, mais do que a produção de objetos para exposição (para o olhar do público, do observador) [...] Dessa forma, ocorre aqui o que chamo de auto-apresentação. XVIII Aquele que toma parte nesse processo inclui-se como alguém que produz uma experiência de fazer e abre uma experiência de sentir e pensar, ou pensar, sentir, fazer, olhar: os termos encontrando-se inter-relacionados e não necessariamente numa ordem estabelecida. Na auto-apresentação haveria uma inter-relação entre sentir e fazer e a compreensão disso como ato artístico. A possibilidade do olhar / sentir seria inseparável do fazer o objeto desse olhar, ou do fazer a experiência do fazer para esse olhar”.

planejei e executei. Devo dizer, me senti como não me sentia há muito tempo. Me veio uma saudade de quando eu fazia arte mais tradicional e me colocava intencionalmente nesse espaço criativo que, com os anos, se tornou um lugar que eu não visitava mais.

Pra quem não sabe, sigo a corrente arte=vida, que se formos pular todas as minúcias teóricas, se explica bem simplesmente pelo próprio nome. Uma coisa já é igual à outra, basta voltarmos o olhar para o que já está presente. Mas enfim, voltando. Reconstruir minha parede me fez juntar dois pensamentos que me acompanhavam. Um era sobre o que meu pai me passava quando eu era criança, de que devíamos aprender um pouco de cada habilidade porque poderia chegar o dia em que precisaríamos dela, e por vezes há a chance de não ter dinheiro para chamar um profissional.

O outro é o vídeo da ação *Paradox of Praxis* (1997), de Francis Alÿs. Aquela tarefa impossível, para mim tem tudo a ver com a filosofia arte=vida como um todo, e mais por cima da estrutura, com a luta anticapitalista: estas ações laboriosas que parecem não dar fruto imediato, justamente porque servem para deixar um legado para as próximas gerações.

Para nós, fica a manutenção da vida cotidiana e a busca por uma vida mais voltada para a experiência. A parede foi isso, até nem importava muito a reforma porque a minha casa parece estar cedendo, e com meus olhos de leigo presumo que tenha mais uns 6 ou 7 anos pela frente. Mas eu não queria mais viver no meio da umidade e resolvi fazer com as próprias mãos.

O pensamento máximo que eu cheguei enquanto fiz esse trabalho foi que se a arte e a vida são a mesma coisa, quem por presunção se coloca no papel de artista, deve saber pelo menos um pouco de todas as habilidades necessárias para a manutenção da vida. Isso seria cozinhar, fazer pequenos curativos, plantar alimentos. Demolir e reconstruir uma parede.

Imagino que é assim que podemos voltar aos poucos a ser uma sociedade mais de experiência, menos de consumo.

## **2.2. Esqueço-te**

Esqueço-te foi a primeira ação deste conjunto, tanto em execução quanto em idealização. Consiste em uma série de registros fotográficos dos hospitais Livramento e Solon Tavares, ambos abandonados. Nos dias em que estive ali, entretanto, não estive somente para fotografar, mas para estar dentro da paisagem. Não visitava estes espaços há anos, e um

detalhe importante é que minha experiência ali nunca foi em termos de paciente. O Livramento é onde minha mãe nasceu. Também era nesse lugar, anos depois, em que eu me escondia da chuva quando visitava o centro da cidade em dias de mau-tempo. Já o Solon era perto da escola onde eu estudei, no bairro Ermo. O meu não-frequentar aquele lugar era pelo receio de estar perto do vazio que era, ao meu ver, perigoso.

A motivação para ir lá de novo, depois de passados tantos anos, não era só de ver como se encontravam aqueles lugares que eu só conheci abandonados. Era uma busca de questionar os planos de desenvolvimento urbano e os interesses por trás destes, utilizando como exemplo uma cidade que vacinava a sua população contra a COVID-19 em um ginásio esportivo, enquanto dois hospitais encontram-se abandonados ao acaso. Fotografar, também, não foi pela linguagem fotográfica em si, mas para inocentemente efetuar um registro do que eu considero que era a ação em si, a visita e o estar nesses espaços. Apresento aqui as fotos, e breves relatos consolidados a partir do pesquisado sobre estes hospitais.

### 2.2.1. Hospital Livramento



ANDRADE, Nico. Registro de visita ao Hospital Livramento. 2021. Fonte: registro do artista

O antigo Hospital Livramento, localizado na rua Dr. Lauro Azambuja, 345, Guaíba, encerrou suas atividades em 2015, seis anos após o início do processo de fechamento [por falta de condições adequadas em sua estrutura](#). Atendia como ambulatório, internação clínica. Para além de um simples endereço, vale dizer que fica localizado no centro da cidade,

extremamente próximo do cipreste farroupilha e da casa de Gomes Jardim. Sua estrutura é relativamente pequena, pelo menos quando vista de fora em seu estado atual.

### 2.2.2. Hospital Solon Tavares



ANDRADE, Nico. Registro de visita ao Hospital Solon Tavares. 2021. Fonte: registro do artista

O antigo Hospital Solon Tavares se localiza no bairro Ermo, um dos mais antigos da cidade. A construção é pequena em relação aos arredores, que fazem juz ao nome do bairro. Este hospital servia como clínica particular com atendimento ambulatorial há pelo menos 54 anos, segundo o CNPJ associado ao hospital.

### 2.3. Recuso/Decifro

Aqui, me vi reconsiderando questões de autonomia como se estivesse de volta ao começo de minha trajetória na graduação. Por um longo período da execução deste projeto, eu não conseguia reconhecer o valor que podia ser dado a um pequeno vídeo que fiz, e cogitava a necessidade de transformar esta proposição avulsa em uma série a fim de aumentar sua “sustentação”. A circunstância aliada ao tempo me fez mudar de ideia - e o resultado é o que aqui lhes apresento.

*Recuso/Decifro* surgiu de uma ideia megalomaniaca de catalogar e apresentar, através de vídeos, uma série de ações em locais de abandono. Ao que me refiro, nesta situação, é o abandono de espaços de potencial comunitário e de carga histórica para a população que os

circunda, dando continuidade ao raciocínio de *Esqueço-te*. A materialidade se daria através do ato de capturar em foto, texto e vídeo a atmosfera destes locais. Apesar de ter abandonado a grandiosidade em números que eu almejei para esta proposição, percebo que os outros pilares desta proposta já estavam encapsulados no que aqui lhes apresento: *Recuso/Decifro* voltou para o espaço do afeto e da memória, mas sem abandonar a discreta mas não menos decidida crítica anticapitalista.

Ao fim da rua em que está a casa onde eu cresci, há uma praia. Era ali que nadava o meu falecido avô em sua juventude, e também ali que meu pai e suas irmãs brincavam durante a infância. Eu por outro lado não sei nadar, e já na minha infância sabia que a água havia se tornado imprópria para o banho. Mesmo assim, o afeto que tenho pelo local não é pequeno: meus pais me levavam para que eu exercitasse minha curiosidade de criança em uma paisagem repleta de insetos, vegetação, de sons da água e do vento, de texturas de terra e de areia.

Voltar lá depois de adulto em uma nova expedição foi se deparar com o abandono escancarado: a areia deu lugar a um barral sujo de dejetos e embalagens. Aquele pequeno ecossistema estava transformado, sem vaga-lumes à noite, e sem girinos visíveis nas poças d'água. Pensar que o descaso é o inimigo da memória seria um raciocínio lógico, mas incompleto. O descaso observado na situação é uma das diversas mazelas de um sistema que elenca o consumo acima da experiência, aqui refletindo nas propriedades privadas dos terrenos se alastrando em direção à orla, fortemente gradeados para proibir o acesso alheio. O cuidado, reservado ao que se foi tomado como próprio. O pouco que restou do que era bem-comum foi a terra e a água desoladas.



ANDRADE, Nico. Still do vídeo **Recuso/Decifro**, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=83XTB0TVE1s>

Sentei-me em uma das muretas que invadem o território coloquei-me como parte da paisagem que compõe minha memória. Pensei nas raízes das árvores como as minhas, e observei o movimento dos passarinhos e do vento balançando devagar os galhos e a água.

Esta era uma das experiências que julgava que carecia de autonomia, mas hoje vejo como rica em detalhe e digna de apresentação. Compartilhei em especial com quem se importaria com o visto. A resposta de meu pai se deu assim: "Sabe que desde a última vez que fui na beira do rio no fim da nossa rua eu nunca mais consegui ir lá. Só de ver aquele lugar daquele jeito, cheio de lixo, destruiu completamente minha memória inocente de criança de quando a gente passava o dia lá, correndo, brincando e tomando banho na água limpinha que tinha ali."

## **2.4 O Tempo - Devolva-me**

A proposição final dentre as aqui apresentadas é infinita por natureza própria, mas também pelo ambiente que a contém. Surge do fascínio por um pequeno objeto de todos os meus dias: quatro vezes por dia, guardo em meus bolsos o comprovante de registro ponto em meu trabalho. Fiz isso anos antes também, antes de ter sofrido um período de desemprego na pandemia. Depois disso, no meu segundo-primeiro emprego, e após, onde sigo minha vida profissional. A natureza dessas relações de trabalho foi extremamente diferente, desde um jovem aprendiz e os estágios, passando pelo desemprego e a informalidade uberizada, até a prestação de serviços na iniciativa privada e, finalmente, o emprego público estadual. Apesar das diferenças, todas essas relações de trabalho são regidas pela mesma lei. Aqui não me refiro às leis trabalhistas, ou à constituição, mas sim à verdadeira ditadura capitalista vigente na maior parte do mundo. É a lei que dita que do tempo que passamos despertos, a maior fatia deve ser passada longe de casa, servindo a um propósito que para poucas pessoas é o seu próprio. E longe de casa, por quê?

Se me perguntarem como o capitalismo reflete na minha vida, por exemplo, posso relatar como o sucateamento do mercado de trabalho me forçou a adotar cargas horárias detrimenais para a fruição da vida. Adotar um emprego no varejo, como o em que atuei durante certo período, significou adotar um salário que preenchia os pré-requisitos de um salário mínimo, mas não me concedia a garantia básica de todas as necessidades de uma pessoa, especialmente levando em conta a inflação. De maneira mais aprofundada, pode se

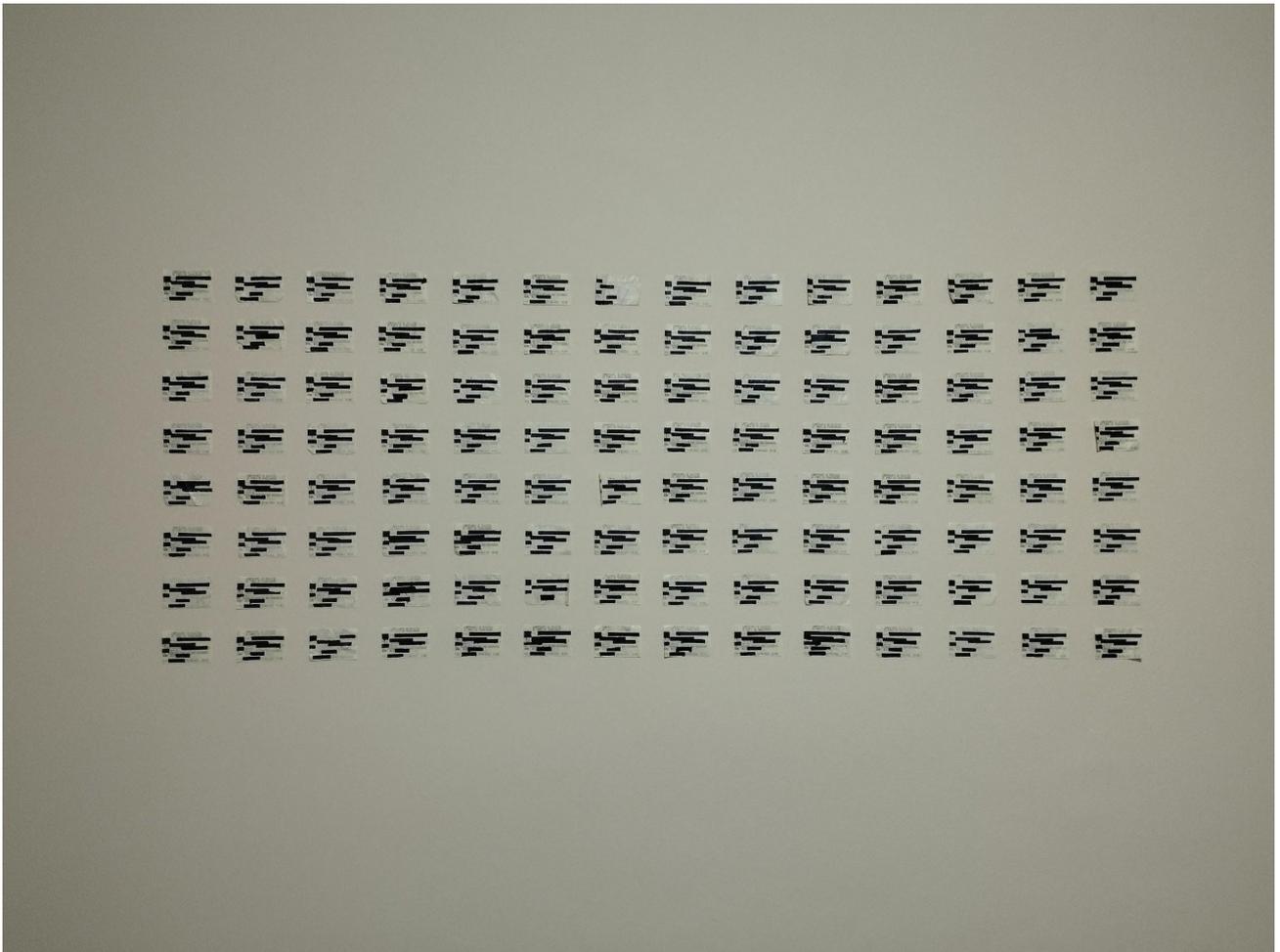
considerar que até mesmo a ideia de trabalho dentro deste sistema sócio-econômico, com todas suas idiossincrasias, é um projeto de alienação onde se produz riqueza para o outrem, nunca para si; O “lucro” financeiro ganhado pelo trabalhador é na maior parte dos casos somente uma tentativa de garantir a própria subsistência. E o tempo, do outro lado, segue correndo, a vida segue passando.

Mesmo com a mudança de paradigma em minha vida, seguiu a problemática do tempo. Agora com minhas necessidades básicas supridas de maneira independente, onde fica a disposição para ser artista e administrativo ao mesmo tempo? Digo isso não por não querer trabalhar, mas porque acredito que o trabalho não deveria ser somente pelo desejo de uma riqueza financeira, mas de um bem estar para as comunidades a que pertencemos.

Através de todas as experiências descritas, o tempo é uma questão tão fundamental quanto a renda. Vejo que minha identidade como artista passou por várias reconstruções onde tive de me ausentar cada vez mais do meio acadêmico. Hoje em dia passo o dia no trabalho, chego em casa e sinto que utilizo melhor a energia que resta nas pequenas coisas: apreciar um jantar, meu gato, minha família. Este tem sido meu Arte=Vida contra o capitalismo.



ANDRADE, Nico. **O Tempo - Devolva-me.** 2022 a 2023. Fonte: acervo pessoal.

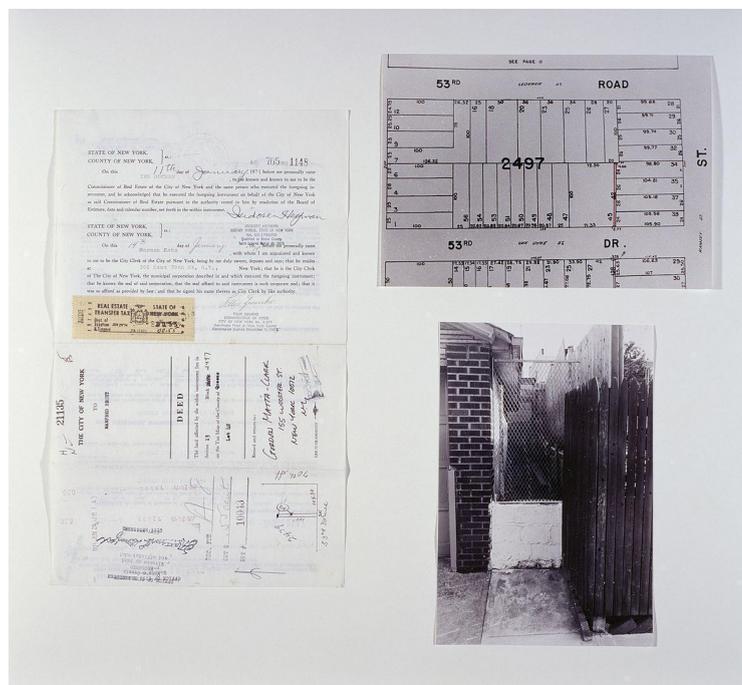


ANDRADE, Nico. **O Tempo - Devolva-me.** 2022 a 2023. Fonte: acervo pessoal.

### 3. OLHAR PROS LADOS

Para meus referenciais artísticos, selecionei Gordon Matta Clark, Guy Debord e Virgínia de Medeiros. Tais nomes se relacionam conceitualmente à minha produção e portanto não me atentarei demasiadamente à formalismos. O foco nas poéticas é uma decisão consciente e definidora que faço ao longo do desenvolvimento deste material. Neste âmbito, encontrei similaridades entre estes trabalhos e o que faço/busco fazer, sobretudo quando trata-se de lutas anticapitalistas.

Correndo o risco de uma análise demasiado simplista, o trabalho *Reality Properties: Fake Estates* (1973) de Matta Clark é uma crítica anticapitalista indiscreta, mas não deselegante, à obsolescência urbana. Constitui-se na compra de quinze minúsculos terrenos em Nova Iorque em leilões. Em seguida, foi feita minuciosa catalogação, medição e fotografia dos terrenos, culminando no acúmulo de inúmeros registros documentais. Desde a crítica que o fomenta até o destaque dado ao documento processual, este trabalho é uma referência especial para *Recuso/Decifro*, onde de forma menos organizada e científica busquei a crítica através da auto-apresentação *in-loco*.



GORDON MATTA-CLARK. *Reality Properties: Fake Estates, Little Alley Block 2497, Lot 42*. 1973. Fonte: <https://www.guggenheim.org/artwork/5210>

Guy Debord, por sua vez, é geralmente estudado por sua produção como teórico e cineasta, mas pela natureza de suas propostas e pela análise que faço após ler seus escritos, julgo mais cabível neste contexto localizá-lo como referencial prático<sup>3</sup>. Fundamentalmente, os textos de Debord tanto em *A Sociedade do Espetáculo* (1967) quanto nos retirados de *Apologia da Deriva - Escritos Situacionistas sobre a Cidade* (Org. BERENSTEIN, 2003) diferenciam-se dos escritos de Braga, por exemplo. Mesmo que ambos sejam cientistas sociais, as estratégias apresentadas por Debord são práticas: têm seu cerne na elaboração de novos conceitos como a psicogeografia ou urbanismo unitário, até sua aplicabilidade cotidiana e as transformações no contexto social causadas por estas. A psicogeografia em si não é *somente* um modo de pensar, mas um modo de operar. Pela relação próxima entre o situacionismo e a arte contextual, percebo similaridades não só em pequenos formalismos (como um certo desinteresse pelo registro, ou um foco no projeto de execução), mas especialmente uma paridade teórica na concepção de um pensamento de arte muito próximo da práxis social.

Finalmente, trago a série *Alma de Bronze* (2018), de Virginia de Medeiros. Desenvolvida durante residência na antiga Ocupação Hotel Cambridge junto ao MSTC (Movimento Sem Teto do Centro), em São Paulo. O corpo do trabalho é composto não só por videoinstalações e fotografias (práticas que julgo de extrema utilidade como veículo para este tipo de proposição), mas especialmente pela experiência compartilhada entre a artista e as residentes do Cambridge. Desdobramentos da série, especificamente as fotografias em *Guerrilheiras* (2018) e a videoinstalação *Quem Não Luta tá Morto* (2018), são exemplos particularmente inspiradores de bom uso do deslocamento das narrativas contidas na experiência então cotidiana da artista, especialmente bem sucedidos pela união entre prática artística e cotidiano material, e também por não sobrepujar a experiência com um indesejável retorno à representação.

---

<sup>3</sup> As propostas de Debord na Internacional Situacionista, encontradas em *Apologia da Deriva - Escritos Situacionistas sobre a Cidade* (Org. BERENSTEIN, 2003), conectam de maneira radical a teoria à prática de maneira que torna difícil pensar em localizar trabalhos específicos. Mais além, considero que a tentativa de identificar e selecionar uma única proposição do autor para apresentar seria não apenas infrutífera, mas também infundada: em um exemplo de estreitamento tão acentuado entre arte e vida como as propostas da IS, é plausível supor que foi feito muito mais que as breves imagens encontradas em pesquisas, e que do muito que deve ter sido feito, pouca coisa deve ter sido registrada. E, dada a própria natureza efêmera e contextual dos exemplos de práticas encontradas nos escritos de Debord e companhia na Internacional Situacionista, acho que faz mais jus às ideias apresentadas levantar-se e fazer uma deriva pelo bairro do que buscar uma foto de um dos autores em sua cidade natal executando a mesma proposta.



VIRGÍNIA DE MEDEIROS. **Quem não luta tá morto.** 2018. Disponível em: <https://virginiademedeiros.com.br/obras/alma-de-bronze>

O distanciamento social, que é parte fundamental do contexto em que vivemos, catalisa as reflexões sobre identidade: passar muito tempo sozinho é voltar a questionar quem sou, e quem são meus pares. Levando em conta o caráter atípico do momento, não me surpreendo de ter encontrado referenciais atípicos aliados a alguns de meus antigos favoritos da graduação, e que estes justifiquem, aprofundem e questionem aspectos de meu pensamento de maneira tão sensível. Por exemplo, quando digo que pertenço à história do mundo e vice versa, é na espécie de pensamento linear descrita por Ingold que me baseio, a partir do seguinte questionamento feito pelo autor:

“Por que a menção da palavra ‘linha’ ou ‘linearidade’, para muitos pensadores contemporâneos, conjura uma imagem de alegado estreitamento de pensamento ou esterilidade, assim como uma lógica de via única do pensamento analítico moderno?”<sup>4</sup> (INGOLD, 2007, p. 2)

Para mim, pensar linearidade é se referir à linearidade contínua do materialismo histórico. Ouso dizer que a linha “ao longo” descrita por Ingold serve não somente como descrição técnica de um fenômeno presente em nossa realidade, mas como crítica à

<sup>4</sup> Tradução própria. No texto original consta: “Why does the mention of the word ‘line’ or ‘linearity’, for many contemporary thinkers, conjure up an image of the alleged narrow-mindedness and sterility, as well as the single-track logic, of modern analytic thought?” INGOLD 2007 - Pág 2.

colonialidade e também explicação didática do materialismo histórico: correr “ao longo”<sup>5</sup>, prestando atenção aos detalhes e dando atenção à experiência, ao todo, é justamente levar em conta condições históricas e as relações de causalidade entre os acontecimentos de outrora e a atual conjuntura. Ignorar tais condições materiais é fadar-se a repetir erros já cometidos.

Dada a lógica de pensamento que fundamenta este trabalho e, ousado dizer, minha experiência de vida nos últimos meses, faço uso também das discussões de Paul Ardenne em *Un Arte Contextual: Creación artística en medio urbano, en situación, de intervención, de participación* (2006) para explicar meu posicionamento dentro do mundo que não é apenas mundo da arte, mas sociedade como campo para a experiência. Para o autor, o artista:

“(…) Es un miembro del demos, un "socio" de pleno derecho: su acción puede tender a estrechar los lazos entre los miembros del cuerpo o a celebrar los valores de reparto y de respeto mutuo, valores inherentes al pacto democritico. Su reivindicada condición de artista, en cambio, reposa la expresión de un rechazo parcial de la sociedad tal y como es, sobre la constatación de una imperfección o de una perfectibilidad de ésta, en consecuencia, sobre el deseo implícito de una reforma de la que el arte puede ser uno de los vectores eficaces.” (ARDENNE, 2006, p. 24)

O trecho acima explica de maneira extremamente competente uma crítica que, como jovem artista, eu apenas havia começado a formular nos últimos anos. Trata-se da oposição ao processo de diferenciação entre artista e sociedade, processo este que é uma armadilha fácil de cair para aqueles que vivem dentro do regime capitalista. Busco, em contrapartida, exercer meu ofício, minha profissão de artista, com e para a classe trabalhadora.

Minha reivindicação identitária fortaleceu-se a partir da leitura de *A Rebeldia do Precariado* (2017), de Ruy Braga. Foi na leitura deste livro que entendi melhor conceitos como a proletarianização e contextos como a crise da globalização. Sobretudo, *A Rebeldia do Precariado* é um registro textual da vivência que eu e inúmeros brasileiros compartilhamos nas últimas duas décadas, aproximando-se especialmente de minha experiência como entregadore por aplicativos no ano de 2020. Foi naquele tempo que tive minha primeira experiência consciente do que é a luta de classes, e é nesse livro que encontrei a explicação para o que estava e está acontecendo, em descrições como esta:

“(…) a financeirização da economia promoveu o fechamento de fábricas e a redução do número de empregos qualificados nas economias capitalistas avançadas, empurrando os jovens rumo a ocupações desprotegidas, ao mesmo tempo que

---

<sup>5</sup> Para Ingold, linhas se dividem em dois tipos: ao longo e através. A primeira seria a linha produzida considerando peculiaridades do caminho, de caráter experiencial e orgânico, enquanto a segunda apenas leva a atenção de um ponto a outro, ignorando a experiência. Para mais informações, veja o capítulo *Up, Across and Along* em *Lines, a Brief History* (2007), especialmente a página 72.

acelerou a ampliação de uma força de trabalho sub-remunerada e insegura nos países semi-periféricos(...)" (BRAGA, 2017, p.31)

Descrições como a acima, junto às inúmeras outras respostas encontradas nestes livros e propostas para perguntas como “o que deixou o mundo desse jeito?”, me trouxeram uma nova pergunta, que é uma das várias que este trabalho busca responder: o que posso fazer para, pouquinho a pouquinho, transformar o mundo em que vivo em uma realidade que dê orgulho de fazer parte?

#### 4. SEGUIR EM FRENTE

Quando releio o parágrafo acima, meses depois de sua composição, retorno com novas conclusões, que descrevo a seguir. Este trabalho se transformou constantemente através de influências externas e internas. A própria ideia de que o capitalismo é fonte de relações constantes de causa e consequência no cotidiano da população que vive sobre seu regime é o que impossibilitou a produção de dois trabalhos sonhados e projetados para esta pesquisa; Ao olhar pra trás, vejo nitidamente três momentos: o princípio de minha carreira e um grande meio exploratório que veio a seguir, unidos como uma grande e exaustiva tentativa de se inserir melhor no mercado da arte, e a busca de melhor compreender o que era arte para mim, como ela se relacionava com minha vida e como isso se traduz para o mundo a que pertencço. A segunda etapa, uma chamada para a realidade, onde o sonho artístico foi obrigado a ceder seu espaço à realidade imposta pelo capital, deixando de produzir minha prática afetiva para correr em busca de subsistência autônoma e independente em um contexto distópico de pandemia; Finalmente, um momento de reconciliação e de tentar olhar para o futuro com mais esperança, que vem depois de se estabilizar na minha nova vida.

Em conversa ao telefone com meu pai, comentei com ele um sentimento antigo que carregava no peito. Quando entrei no Instituto de Artes, sonhava em ser um artista estrela como uma criança que sonha em ser jogador de futebol, mas com o tempo vi esse sonho se adequando e se adequando ao que me cabia enquanto real. Disse ao meu pai que talvez eu realmente nunca seja uma “estrela do futebol” dentro de algum dos inúmeros mundos das artes. Que estou me acostumando aos poucos com a ideia de que por um tempo meu sonho vai ter que ficar, seguindo a analogia do futebol, como uma partida entre amigos aos finais de semana. Entendo que há beleza nisso e que a ideia se alimenta da noção de que o verdadeiro trabalho a ser perseguido é o que constrói o tão mencionado bem-estar, e que isso vale mais que o dinheiro ou a fama. Vejo essa reconciliação como um momento para se apaixonar de novo pelo mundo. De recolocar as lentes da arte para olhar em volta, e retornar ao meu ofício de artista.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARDENNE, Paul. **Un arte contextual - Creación artística en medio urbano, en situación, de intervención , de participación**. Azarbe, S.L. 2006.

BERENSTEIN, Paola Jacques (Org.). **Apologia da Deriva - Escritos Situacionistas sobre a Cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

BRAGA, Ruy. **A rebeldia do Precariado – Trabalho e neoliberalismo no Sul Global**. Boitempo, 2017.

\_\_\_\_\_. **A política do Precariado – Do populismo à hegemonia Lulista**. Boitempo, 2012.

BRITES, TESSLER. Blanca, Élida.. **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Editora da Universidade/UFRGS e PPGAV/IA/UFRGS, 2002.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo (1967)**. SP: Contraponto, 2007.

FERVENZA, Hélio Custódio. **Formas da Apresentação: documentação, práticas e processos Artísticos**. Florianópolis: 16º Encontro Nacional da ANPAP, 2007.

Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2008/artigos/157.pdf> Acessado ao longo do mês de Outubro de 2021.

\_\_\_\_\_. **Formas da Apresentação: da exposição à autoapresentação como arte**. Florianópolis: 16º Encontro Nacional da ANPAP, 2007. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/140.pdf> Acessado ao longo do mês de Outubro de 2021.

FOSTER, Hal. **O retorno do Real: A vanguarda no final do Século XX**. São Paulo, Ubu Editora, 2017.

INGOLD, Tim. **Lines: A brief history**. Nova Iorque: Routledge, 2007.

JOHANNESSEN, Jon-Aril. **The Workplace of the Future: The Fourth Industrial Revolution, the Precariat and the Death of Hierarchies**. Routledge, 2018.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. Editora Schwarcz S.A, 2020. Disponível em:

<https://www.amazon.com.br/amanh%C3%A3-n%C3%A3o-est%C3%A1-%C3%A0-venda-ebook/dp/B0876HG28P> Acessado em: 3 de Maio de 2021

NUNES, Aline. **Em deslocamento: possíveis trânsitos entre a escrita de um diário de pesquisa e os diários de campo etnográficos**. Revista invisibilidades #3. 2012. Disponível em: [https://issuu.com/invisibilidades/docs/invisibilidades\\_03](https://issuu.com/invisibilidades/docs/invisibilidades_03) Acessado ao longo do mês de Outubro de 2021.

REY, Sandra. **Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais**. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/27713>  
Acessado ao longo do mês de Outubro de 2021.

#### LINKS

<http://www.anpap.org.br/anais/2008/artigos/157.pdf>

<http://anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/140.pdf>

<https://virginiademedeiros.com.br/obras/alma-de-bronze/>

<https://revistazum.com.br/radar/alma-de-bronze/>

<https://www.guggenheim.org/artwork/5210>

<https://socks-studio.com/2014/10/22/gordon-matta-clarks-reality-properties-fake-estates-1973/>

/

<https://youtu.be/83XTB0TVE1s>